

.....

DOI: <https://doi.org/10.34619/hm5x-5s95>

* Consultora da organização Unity in Health (www.unityinhealth.org)
mmgrilo@gmail.com

** Vice-presidente da associação Porta do Mais (www.portadomais.org)
cordeiomargarida@gmail.com



Maria Violante Vieira (1915-1997)

MADALENA GRILO* | MARGARIDA CORDEIRO**

Algumas das opções que tomamos e que moldam as nossas vidas resultam de factos imprevistos e que, de algum modo, nos são alheios.
(Maria Violante Vieira, 1915-1997)

Era assim que Maria Violante começava quase sempre a contar a história da sua ligação à UNICEF, pois o primeiro contacto com a organização teria sido bem diferente se a actividade profissional para a qual parecia destinada não tivesse sido posta de lado para se ocupar da gestão de empresas da família, juntamente com a sua irmã Maria Antónia.

Maria Violante Vieira nasceu em Lisboa, cidade de que tanto gostava, onde viveu praticamente durante toda a sua vida. Numa altura em que não eram muitas as raparigas que prosseguiam os estudos

universitários, licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e foi, durante um breve período, professora no Colégio Inglês, até que a morte prematura do pai a obrigou a seguir um rumo bem diferente.

Confessando, na altura, não se sentir particularmente atraída ou preparada para o mundo das empresas, com o apoio de uma equipa profissional forte e conhecedora do negócio, Maria Violante assumiu inteiramente a gestão das empresas da família, nomeadamente das papelarias Progresso e da Moda, duas das mais icónicas lojas da Baixa lisboeta de então.

Para além das papelarias, herdara também do pai a firma Vialga, que representava marcas de grande prestígio como as canetas Parker. Esta representação permitiu-lhe conhecer e mesmo criar laços de amizade com alguns dos grandes nomes da publicidade da época como Manuel Rodrigues e António Borges e os poetas Ary dos Santos e Alexandre O'Neill (este último “cunhou” *slogans* publicitários para a famosa marca de canetas).

Foram anos de trabalho e dedicação intensos, como referem os amigos que a acompanharam mais de perto, em que o seu sentido estético, o bom gosto e a confiança que depositava na sua equipa foram fundamentais para o sucesso das suas lojas, onde se encontravam sempre coisas de qualidade, diferentes e bonitas.

É no desempenho dessas funções que, no início dos anos 60, durante uma deslocação a Londres por ocasião de uma feira internacional, “descobre” os cartões de Natal da UNICEF, estabelecendo de imediato contacto com a organização para poder passar a vendê-los nas suas lojas.

Mas, se a sua ligação à UNICEF aconteceu por via, de certo modo indirecta, numa altura em que o acesso à informação e a comunicação eram bem diferentes do que são nos dias de hoje, rapidamente Maria Violante se deixou envolver pela missão e objectivos de uma organização dedicada às crianças, especialmente às mais vulneráveis do mundo, e à defesa dos seus direitos.

Em 1978, em vésperas do Ano Internacional da Criança, a UNICEF, que há vários anos conhecia Maria Violante, contacta-a no sentido de lhe propor a criação de um Comité Nacional, à semelhança dos que existiam já em muitos outros países industrializados. Na sequência dessa proposta, Maria Violante cria a associação Amigos da UNICEF, que junta personalidades tão diversas como Maria Keil do Amaral, Matilde Rosa Araújo, Purificação

Araújo e Manuel Pina, entre outros, e que virá a ser o embrião do Comité Português para a UNICEF, criado em Abril de 1979.

A ONU declara 1979 como o Ano Internacional da Criança (AIC), a fim de alertar a comunidade internacional para os problemas que afectam as crianças no mundo, incluindo a má nutrição e a falta de acesso a cuidados de saúde básicos e à educação. Celebrado em todo o mundo, o AIC constituiu uma ocasião para os povos e organizações reafirmarem o seu empenho na defesa da causa das crianças e se comprometerem a adoptar políticas e medidas destinadas a melhorar a sua situação.

Por todo o mundo multiplicaram-se iniciativas; 148 países, entre os quais Portugal, criaram Comissões Nacionais que promoveram debates sobre questões da infância e realizaram inúmeros eventos em torno do tema, em muitos dos quais Maria Violante participou já como representante da UNICEF no nosso país.

Como muitas vezes referia, foi uma experiência marcante, que permitiu reforçar o conhecimento da realidade e criar laços com pessoas e instituições que partilhavam os mesmos objectivos e trabalhavam para a melhoria das condições da infância.

Durante alguns anos, Maria Violante acumula a administração do negócio da família com as responsabilidades de Presidente do Comité Português para a UNICEF, cargo a que passou a dedicar-se inteiramente após atingir a reforma, e que desempenhou até ao fim da sua vida, em Janeiro de 1997.

Com recursos humanos e materiais limitados, mas com muita determinação, Maria Violante iniciou então um trabalho que evoluiu ao longo do seu mandato e nos anos que se lhe seguiram, procurando sempre conjugar acções de sensibilização para os direitos da criança e a educação para o desenvolvimento com a angariação de fundos para os programas no terreno, através da venda de cartões de Natal da UNICEF.

Então como agora, era preciso sensibilizar o público para a causa das crianças e incentivá-lo a participar activamente em programas que, na altura, se centravam especialmente na sobrevivência e desenvolvimento das crianças, no acesso à educação e na ajuda de emergência que a UNICEF levava a cabo nos países em desenvolvimento.

Muitas pessoas desconheciam que, desde a sua fundação, em 1946, a UNICEF era e continua a ser a única organização da ONU que depende

inteiramente de contribuições voluntárias dos governos, de organizações internacionais e do público em geral.

A recolha de fundos por organizações da sociedade civil como actividade organizada era então praticamente inexistente no nosso país e os cartões da UNICEF foram, sem dúvida, precursores dessa forma de financiamento e sustentabilidade que viria a ser adoptada por diversas entidades sem fins lucrativos. Por outro lado, desempenharam também um papel muito importante de sensibilização para a causa das crianças, levando até às casas de milhares de pessoas, em Portugal e em muitos outros países, a mensagem e os objectivos da organização.

Começando com um pequeno grupo de jovens voluntários, em instalações cedidas pelas empresas da família Vieira, rapidamente se tornou necessário procurar novos espaços à medida das necessidades e criar uma pequena equipa permanente, inicialmente com apenas três colaboradores, para se ocupar da contabilidade e dos processos administrativos e logísticos.

A fim de alargar a presença da UNICEF no país, a Direcção do Comité liderada por Maria Violante cria várias Delegações do Comité Nacional nas cidades do Porto, Coimbra, Viana do Castelo e Leiria, e nos Açores.

Datam desses tempos parcerias com a Caixa Geral de Depósitos e o Banco Nacional Ultramarino (mais tarde integrado no Millennium BCP) para a venda dos cartões UNICEF nos seus balcões espalhados pelo país. A preferência das empresas pelos cartões UNICEF para comunicar com os seus parceiros e clientes por altura do Natal contribuiu fortemente para o sucesso desta operação.

Durante alguns anos, a venda de cartões, e mais tarde de uma série de artigos que a UNICEF produzia e distribuía para serem vendidos pelos seus Comités Nacionais, foi a única actividade de angariação de fundos do Comité junto do sector privado. Alguns anos depois, novas formas de angariação de fundos são adoptadas, nomeadamente através de parcerias com várias empresas, entre as quais a Allianz, que permanece até aos dias de hoje.

Porém, se em Portugal há ainda hoje muito a fazer para pôr em prática os direitos das crianças, nos anos 70 a situação era ainda bem mais sombria, o que constituiu sempre a preocupação dominante para a Presidente do Comité. Foi esta preocupação que esteve na origem do estabelecimento de parcerias e trabalho conjunto com diversas organizações e entidades públicas e privadas.

Assim, desde o início, Maria Violante fez questão de integrar na sua equipa uma técnica de serviço social para, no terreno, colaborar com outras entidades em bairros desfavorecidos, como o 6 de Maio, na Amadora, ou a Zona J de Chelas. Neste último, ainda que em moldes diferentes, a UNICEF Portugal continua a dar o seu contributo para as actividades com crianças e famílias levadas a cabo pelo Centro Social e Paroquial S. Maximiliano Kolbe.

Maria Violante acompanhou de perto o processo que levou à criação do Instituto de Apoio à Criança, participando num grupo de profissionais de diversas áreas, sob a orientação do Dr. João dos Santos, seu grande amigo e personalidade de referência na área da educação e do apoio às crianças, como sempre realça a Dra. Manuela Eanes, em cujas mãos depositaram o projecto da instituição que liderou e a que continua ligada como Presidente de Honra. A Casa da Praia e a Emergência Infantil são duas das instituições que foram igualmente caras a Maria Violante pelo seu trabalho em prol da infância.

Das muitas iniciativas e eventos organizados pelo Comité durante o seu mandato, que seria difícil enumerar neste espaço sem cometer falhas, gostaria de realçar alguns dos mais emblemáticos: em 1988, a nomeação da Dra. Maria de Jesus Barroso como Presidente de Honra, e a sua valiosa contribuição para o trabalho da UNICEF Portugal; um Encontro/Consulta que reuniu em Lisboa representantes dos sete Países de Língua Portuguesa sobre o Projecto de Convenção sobre os Direitos da Criança, que estava na fase de redacção daquele que viria a ser o texto final, no mesmo ano; o Seminário Internacional sobre a Criança Portuguesa no limiar do novo século, em 1993, entre muitos outros. Uma iniciativa com grande destaque a nível nacional, foi a campanha Emergência Moçambique, sob o lema “Cada vez há menos tempo”, destinada a angariar fundos para prestar auxílio às crianças moçambicanas afectadas pelas cheias no início dos anos 90. Contou com a participação activa da Dra. Maria Barroso e com a contribuição de Eusébio e Rosa Mota na sua divulgação. E muito mais poderíamos acrescentar a esta lista...

Embora não gostasse particularmente dos aspectos administrativos e burocráticos que a organização exigia, Maria Violante tinha uma forma de liderança particular, confiando numa equipa jovem mas muito empenhada na causa, estimulando o trabalho em equipa e procurando realçar os pontos fortes dos seus colaboradores.

Ainda que a UNICEF tenha ocupado uma parte importante da sua vida, Maria Violante era uma referência e um apoio importante para os seus sobrinhos e, sobretudo, para as sobrinhas-netas. A Tita, como era carinhosamente chamada em família e por alguns amigos mais chegados, estava sempre presente e assumia com ternura e sabedoria um papel de referência, procurando apontar caminhos e dando o apoio necessário nos momentos certos.

Embora conhecesse muitas pessoas, ao longo da sua vida construiu uma rede de amigos muito sólida, a que poucos tiveram o privilégio de pertencer mas com os quais mantinha relações muito próximas.

“Tinha o dom de ouvir os outros, porque se interessava verdadeiramente por eles e porque raramente falava de si própria. Julgo que mantinha essa sua reserva, ou pudor, mesmo com os amigos mais íntimos. Era inteligente e generosa...”, diz sobre Maria Violante uma grande amiga, que infelizmente também já não está entre nós, Vera Futscher Pereira, no seu blogue Retrovisor (Março de 2009).

Maria Violante tinha três refúgios de eleição: a sua casa da Travessa do Abarracamento de Peniche, com uma vista deslumbrante sobre Lisboa; a casa de Sesimbra, com uma magnífica varanda sobre o mar; e o Jardim do Príncipe Real, onde gostava de passear e sentar-se à conversa com o Professor Agostinho da Silva

Maria Violante Vieira foi condecorada a título póstumo com o grau de Comendador da Ordem do Infante em Março de 1997 e tem uma rua em Lisboa com o seu nome, onde foi construído um parque infantil.

Termos iniciado o percurso na UNICEF Portugal desde muito cedo e pela mão de Maria Violante Vieira foi um privilégio de que ambas beneficiámos e que, em grande medida, nos encaminhou para as áreas em que viríamos a assumir responsabilidades de chefia: vendas e recolha de fundos, a que a Margarida Cordeiro esteve ligada até há bem pouco tempo; comunicação e relações externas, e mais tarde a direcção executiva, que desempenhei⁽¹⁾ até ao Outono de 2017.

1 Madalena Marçal Grilo.